

ESPECIARIA

Cadernos de Ciências Humanas,
v. 23, ano 2026 | ISSN: 2675-5432
Editor-chefe: **Dr. Ademar Bogo**

Projeto Interlocuções: uma história prática da implicação da diáspora africana no sul da Bahia

Aline Areia Almeida Mimoso

Secretaria de Educação do Estado da Bahia
ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4046-5723>

Laila Brichta

Universidade Estadual de Santa Cruz
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1457-3331>



Recebido em: 11/11/2025
Aprovado em: 19/03/2026
Publicado em: 12/06/2026

Declaração de uso da inteligência artificial

Durante a redação deste artigo, não foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial em nenhuma etapa do processo. Todas as ideias, análises e interpretações são de autoria dos(as) pesquisadores(as), que assumem integral responsabilidade pelo conteúdo. Esta prática está em conformidade com os princípios de integridade acadêmica e das boas práticas editoriais.

Projeto Interloquções: uma história prática da implicação da diáspora africana no sul da Bahia

Aline Areia Almeida Mimoso¹
Laila Brichta²

Resumo

A educação é um campo fundamental para o exercício da crítica social, buscando por transformações na sociedade e, partindo dessa premissa, este artigo apresenta uma descrição, seguida de uma análise, da atuação do projeto de extensão universitária da UESC chamado Interloquções, que desenvolve atividades científicas e culturais com algumas comunidades escolares e movimentos sociais no sul da Bahia. Provocar reflexões sobre o racismo e as diversas formas de discriminação, estimular ações para buscar a eliminação da opressão sobre sujeitos que trazem em seus corpos e modos de vida os marcadores que costumam justificar sua exploração e discriminação são objetivos do Projeto Interloquções e puderam ser

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais pela UESC, Graduada em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora do Governo do Estado da Bahia e professora da Prefeitura Municipal de Itacaré-Bahia. Pesquisa na área de História do Brasil e com atuação na formação política no Ensino Básico.

² Pós-doutoramento na Universidade de Las Palmas de Gran Canárias (ULPGC), Doutorado, Mestrado e Graduação em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). É professora da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) desde 2003. Pesquisa na área de História Contemporânea com temas em Brasil, África, América Latina, Cultura e Política.

avaliados neste artigo, que buscou relatar algumas atividades, metodologias desenvolvidas e ações durante um período de 15 anos, observando mais detalhadamente a cidade de Itacaré-BA. Para a pesquisa, utilizaram-se algumas ideias basilares, como a da necessidade de o mundo atlântico contemporâneo precisar ser estudado a partir da diáspora africana, preconizada por Paul Gilroy (2001); que a educação deve ser democrática para o alcance da liberdade e autonomia, conforme defendia Paulo Freire (1996); e que o combate ao racismo deve ser uma posição política adotada no campo da educação, como defende Nilma Lino Gomes (2006). A partir disso, faz-se uma análise da história de sucesso de um projeto de extensão universitária que propõe intervenções nas comunidades com as quais trabalha, colaborando para a formação de jovens cidadãos mais conscientes e na de multiplicadores das proposições e metodologias adotadas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Diáspora Africana; Bahia; Extensão Universitária; História.

Abstract

Education is a fundamental arena for social criticism, seeking social change; based on this premise, this article presents a description, followed by an analysis, of the activities of UESC's university extension project called "Interloquções," which carries out scientific and cultural activities with several school communities and social movements in southern Bahia. Prompting reflection on racism and other forms of discrimination and encouraging efforts to eliminate oppression against people who bear on their bodies and in their ways of life the markers that are often used to justify their exploitation and discrimination are objectives of the Interlocutors Project and were evaluated in this article, which sought to report on some activities, methodologies developed, and actions taken over a 15-year period, with a closer look at the city of

Itacaré, Bahia. The research drew on several foundational ideas, such as the need to study the contemporary Atlantic world through the lens of the African diaspora, as advocated by Paul Gilroy (2001); that education must be democratic to achieve freedom and autonomy, as argued by Paulo Freire (1996); and that the fight against racism must be a political stance adopted in the field of education, as argued by Nilma Lino Gomes (2006). Based on this, we analysed the success story of a university extension project that proposes interventions in the communities with which it works, helping to foster more socially conscious young citizens and to train others to disseminate the approaches and methodologies adopted.

KEYWORDS: Education; African Diaspora; Bahia; University Extension; History.

Introdução: apresentando o projeto e a região

Este artigo tem como objetivo apresentar, a partir do contexto histórico do período de sua execução, as ações do projeto de extensão universitária INTERLOCUÇÕES da Universidade Estadual de Santa Cruz, seus objetivos, metas, metodologias desenvolvidas e seus impactos. O trabalho que o leitor tem em mãos é uma descrição e análise das práticas executadas ao longo de 15 anos, especificamente no Colégio Estadual Aurelino Leal sediado no município de Itacaré-Bahia, uma das comunidades partícipes do Projeto. O recorte temático dentro das diversas ações abordadas pelo Projeto que este artigo trata é referente às questões étnico-raciais e o combate ao racismo. Esse tema, em consonância com os princípios do Projeto, é apresentado a partir da perspectiva interseccional entre questões de gênero e classe, pelo entendimento de que também são marcadores sociais que estratificam e discriminam as pessoas.

O INTERLOCUÇÕES é um projeto permanente de Extensão da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC),

elaborado por docentes do curso de História em 2008 e com o início de suas atividades em 2009. Pode-se afirmar, entretanto, que é um projeto que nasceu antes de ser escrito, como demonstraremos. O INTERLOCUÇÕES é o diminutivo do extenso título do projeto, cadastrado na Pró-reitoria de Extensão da UESC (PROEX) como “Interlocação entre comunidades afro-brasileiras e indígenas, escolas de ensino médio e fundamental e a produção acadêmica da UESC” e surgiu de demandas dos grupos sociais e escolares que estavam envolvidos em seu início, conscientes do processo de resistência e luta contra o racismo e a favor do respeito às diversidades existentes na sociedade brasileira.

O projeto de extensão foi idealizado a partir da junção de muitas experiências articuladas e formalizadas pelo professor Flávio Gonçalves dos Santos, seu coordenador geral. E foi criado dentro do Grupo de Pesquisa Estudos do Atlântico e da Diáspora Africana – GPEADA/UESC, fundado em 2005 por Flávio Gonçalves dos Santos, Laila Brichta, Henrique Lira e Ana Cláudia Cruz Silva. Esses pesquisadores foram estimulados pelas demandas acadêmicas e sociais a respeito das questões afro-brasileiras e africanas naquele início de milênio, demandas provocadas pela publicação da Lei n.º 10.639/03, e decidiram reunir esforços para criação do grupo, cadastrando-o no diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. O GPEADA se mantém ativo ininterruptamente, ainda que dos fundadores apenas os dois primeiros citados acima permanecem no grupo.

Entendendo a indissociabilidade entre a pesquisa, o ensino e a extensão universitárias, as questões que estavam chegando à academia e que requeriam sua atualização (tanto nos conhecimentos, quanto nos métodos e referenciais teóricos) provocaram o GPEADA a apresentar o projeto INTERLOCUÇÕES com uma metodologia bem definida:

Metodologicamente concebido em dimensões diagnóstica, de intervenção e epistemológica com o objetivo de

criar canais de diálogo e aprendizagem entre a universidade, comunidades indígenas e afro-brasileiras e escolas de educação básica, envolvendo principalmente os municípios de Ilhéus, Itacaré, Pau Brasil e Canavieiras. As atividades são desenvolvidas de forma conjunta, envolvendo os professores, estudantes e agentes sociais, propiciando interação e produção do conhecimento (Santos, Pontes, Marcis & Almeida, 2009, p. 3).

Os principais objetivos do Projeto podem ser resumidos em: instrumentalizar os agentes sociais pertencentes às comunidades com aparatos teóricos conceituais; atualizar as abordagens e os conteúdos relativos às culturas indígenas e afro-brasileiras; desenvolver e aperfeiçoar técnicas e metodologias no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena; produzir materiais didáticos que auxiliem as comunidades, os professores de ensino médio, fundamental e superior na aplicação dos conteúdos previstos na Lei n.º 11.645/08. (Santos et al., 2009, p. 2).

Tendo como principais estímulos e suportes legais as Leis n.º 10.639/03 e n.º 11.645/08, que têm balizado as ações e intervenções das pautas da diversidade étnico-racial, pode-se perceber que o foco do projeto reside no fortalecimento de práticas antirracistas e, para tanto, o ensino e a educação escolar possuem relevância central. A proposta imperativa do INTERLOCUÇÕES é basear a educação formal escolar em pesquisas e nos diálogos entre os mais diferentes sujeitos sociais que compõem a sociedade brasileira no geral e a do sul da Bahia em especial, onde se localiza a UESC e todas as comunidades integrantes.

Ao longo dos mais de 15 anos de execução, com as experiências vividas e com novas questões sociais em curso, foram sendo incorporadas outras demandas das comunidades escolares e dos movimentos sociais. Percebemos, por exemplo, que a perspectiva passou a ser mais interseccional, pois através da discussão de questões raciais, outros marcadores de desigualdade social

passaram a ser reivindicados como elementos para reflexão e intervenção, principalmente os que tratam das relações de gênero, da sexualidade e de classe. Esses marcadores compõem a realidade de opressões em que vivem os diversos sujeitos que compõem o Projeto, trazendo as marcas dessa opressão em seus corpos e em suas identidades.

Tratando a interseccionalidade como uma ferramenta analítica, concordamos que “as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente” (Collins & Bilge, 2022, p. 16). Dessa forma, tomamos o conceito de interseccionalidade como instrumento para examinar as práticas educativas vinculadas ao INTERLOCUÇÕES e verificamos sua potencialidade ao articular diferentes formas de dominação e produção de desigualdade sobre os corpos de sujeitos que escapam às formas hegemonicamente valorizadas no contexto escolar.

Quanto à educação formal, Audre Lorde (2020) demonstra a importância de analisar o quanto existem rupturas e falhas no processo histórico da educação e do acesso às conquistas sociais, que são reivindicações dos movimentos sociais. As opressões sociais são muitas, diversas e atuam a partir de vários campos, de modo que a sobreposição dessas opressões e seu acúmulo em determinados sujeitos inviabilizam as suas possibilidades para uma existência justa e igualitária.

Nesse sentido, quando se trata de uma sociedade diversa e plural como a brasileira, é preciso considerar as raízes coloniais da opressão que ainda operacionalizam as desigualdades. Ao tratarmos da Bahia, isso se percebe nitidamente quando se parte da perspectiva da escola pública, pois é ela que abarca a maioria dos estudantes negros e negras, oriundos de espaços geográficos diversos como cidades, periferias e zonas rurais, carregando uma série de marcadores sociais excludentes e que foram constituídos historicamente.

Data de pouco mais de 20 anos as leis brasileiras que estabeleceram a necessidade de incluir no planejamento escolar o estudo, a pesquisa e a produção de materiais da história e cultura dos africanos, afrobrasileiros e indígenas, estimulando ações para colocar em prática as determinações legislativas. Foi a partir daí que os conhecimentos científicos e empíricos da história étnico-racial brasileira passaram a ser foco imediato de atenção dos agentes que participam do INTERLOCUÇÕES. Estes foram estimulados a relacionar para a produção de conhecimento as suas memórias, vivências, histórias e corpos, contribuindo, conseqüentemente, com o processo de ensino e aprendizagem e impactando o currículo escolar.

O caso da cidade de Itacaré e do Colégio Estadual Aurelino Leal (CEAL), única unidade escolar pública de ensino de nível médio na sede do município, é representativo do impacto das ações do INTERLOCUÇÕES, que contribuiu para uma alteração positiva da realidade escolar, tanto na dimensão curricular, quanto na autoestima dos indivíduos que a compõem, sejam estudantes, docentes e funcionários. O CEAL é uma típica escola do interior da Bahia, estado que tem a maior população negra do Brasil, mas que como todo o país, não incluía e não valorizava nos currículos escolares a história e a cultura africana, afrobrasileira e indígena.

O conhecimento sobre a história do mundo atlântico – que é plural e constituído pela intersecção das diferentes realidades e povos – e especificamente da diáspora africana – dada a história demográfica da Bahia, que de acordo com os último censo de 2022 registra uma população negra de cerca de 82% no estado (IBGE, 2022) – são centrais para a compreensão da realidade histórica e atual. Entender a história brasileira, observando as questões raciais da negritude, especialmente no mundo Atlântico moderno e contemporâneo que se constituiu a partir da diáspora africana (Gilroy, 2001) tem colaborado para as pessoas se compreenderem melhor, lutarem por isonomia

e equidade social e dado motivo de orgulho para os diversos sujeitos negros, indígenas, afrobrasileiros, africanos, homens e mulheres cis e trans, homo ou heteroafetivos, pobres ou não pobres em um país de grandes desigualdades socioeconômicas.

A escola, os corpos e os currículos

A escola, dentre diversas abordagens que podem ser feitas a seu funcionamento, deve ser compreendida como um espaço composto por pessoas diferentes que trazem suas vivências e experiências. Nela transitam corpos diversos com suas marcas, características e anseios. Quando nos referimos aos corpos no espaço escolar, estamos nos referindo a algo além da biologia, pois se trata de uma compreensão social que considera outras dimensões da humanidade, registradas em marcas individuais e coletivas. Considerar essas histórias nos corpos dos sujeitos escolares é entendê-los como currículos constitutivos da escola.

Quando se pensa em ambientes de aprendizagem e sua relação com a escola, considera-se que o dentro e o fora dos “muros escolares” são dois espaços essenciais para a produção de conhecimento. Assim, as aulas de campo, por exemplo, são importantes e valorizadas para a criação de um ambiente estimulante. O projeto INTERLOCUÇÕES chegou a algumas escolas de educação básica do interior da Bahia promovendo vivências e compartilhamento de experiências através de atividades fora das salas de aula, que podem ser entendidas como atividades de campo. De forma sintética: todos os participantes oriundos das diversas instituições vinculadas ao Projeto são reunidos em uma das instituições previamente definida – designada como comunidade anfitriã – onde as atividades acadêmicas e culturais se desenvolvem. Os participantes são de escolas de educação básica de diferentes cidades da região sul da Bahia, da universidade

que sedia o Projeto, da comunidade indígena Tupinambá e Pataxó Hã-Hã-Hãe, de comunidade de terreiro de candomblé, de grupos de capoeira e, também, de um grupo de teatro. Todos, quando juntos, conferem uma riqueza ímpar para a produção e difusão de conhecimentos, que estão assentados em uma finalidade primordial: superação dos preconceitos e racismos pelo conhecimento do Outro, do Nós e de Todos.

A educação inclusiva promovida pelo INTERLOCUÇÕES parte da adoção de outro princípio metodológico que é a horizontalidade nas atividades e ações que se desenvolvem. Nesse quesito, ele se distancia significativamente da prática recorrente das escolas e universidades. Todos os sujeitos no projeto são tratados de forma isonômica; todos podem contribuir para o processo de construção de conhecimentos a partir de suas experiências e interesses. Paulo Freire (1996) já havia afirmado que um dos elementos mais importantes que uma educação deve proporcionar é estimular a autonomia dos sujeitos com responsabilidade, liberdade e respeito:

Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistiu validade no ensino de que não resulta um aprendizado, em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (Freire, 1996, p. 3).

Como nos ensina Paulo Freire, uma educação profícua é democrática e se constitui na circularidade do conhecimento. Ele parte da ideia de que educadores e educandos são sujeitos do mesmo processo e, ainda que o formador tenha um importante papel na transmissão e mediação de conhecimentos específicos, ele não transforma o outro em objeto receptor, pois deve respeitar as histórias e trajetórias que cada indivíduo (ou cada coletivo) carrega em sua existência.

Afirmar que os corpos são currículos refere-se não apenas aos corpos físicos, mas, sim, a todas as experiências que cada indivíduo carrega por onde transita, produzindo e reproduzindo conhecimentos. Ver as diversas formas de ser de cada pessoa é ampliar as possibilidades de existência e do respeito ao outro e ao todo. Dessa forma, a aceitação e a construção do conhecimento se cruzam no processo do ensino e da aprendizagem. Pensar o currículo como instrumento que extrapola os documentos oficiais nacionais, estaduais, municipais e o planejamento descrito pelo professor nos planos de curso, é de grande relevância na construção de uma educação que valoriza o todo (Silva, 2003, p. 15). E, para tanto, nada mais democrático do que trazer os sujeitos com seus corpos, seus currículos, para o centro do processo.

Sendo o currículo também uma questão de identidade, é importante entender os aspectos individuais e coletivos dos sujeitos a quem ele se destina, observar o que está implícito nas intersecções de classe, raça, etnia, gênero, sexualidade, entre outros.

É fundamental trazer a discussão da diversidade para dentro da comunidade escolar através do currículo, o que não é tarefa fácil para as educadoras e os educadores. É preciso lidar com as diferenças construídas ao longo da história, principalmente no que diz respeito às relações étnico-raciais, constituídas a partir de uma estrutura de Estado e através de relações de poder que propiciaram o racismo. O que não é simples, como pontua Nilma Lino Gomes (2006):

Nesse sentido, se quisermos compreender a complexa trama entre diversidade cultural e currículo, teremos de enfrentar o debate sobre as desigualdades sociais e raciais em nosso país. Teremos de entender o que é a pobreza e como ela afeta de maneira trágica a vida de uma grande parcela da população. E ainda deveremos refletir sobre o fato de que, ao fazermos um recorte étnico-racial, veremos que as pessoas negras e pobres enfrentam mais e maiores preconceitos e dificuldades

em nosso país. Isso nos obriga a nos posicionar politicamente dentro desse debate e construir práticas efetivas e democráticas que transformem a trajetória escolar dos nossos alunos e alunas negros e brancos em uma oportunidade ímpar de vivência, aprendizado, reconhecimento, respeito às diferenças e construção de autonomia (Gomes, 2006, p. 25).

Seguindo o postulado por Nilma Lino Gomes, o INTERLOCUÇÕES posiciona-se politicamente no debate da superação das desigualdades sociais no país. Pensar, debater e proporcionar intervenções nos currículos educacionais junto às comunidades escolares, por exemplo, é uma das estratégias adotadas e tem alcançado importantes resultados, o que só tem sido possível pela metodologia adotada do Projeto de lidar diretamente com todo o corpo escolar em diferentes e sistemáticas ações para o fortalecimento do ensino da crítica no campo da educação.

O INTERLOCUÇÕES tem sua importância ao se apresentar como uma ação problematizadora e geradora de possibilidades de ampliação de conhecimentos sobre e a partir das realidades diversas. Passou a contribuir para a formação de novas práticas pedagógicas e ampliou a discussão sobre currículo, contemplando as diferenças e capacitando os envolvidos no sistema educacional a lutar pela igualdade e pelo fim das discriminações e preconceitos. Afinal, essa é uma batalha difícil, pois a naturalização da diferença, da discriminação e do racismo está arraigada na sociedade e precisa ser superada por toda a humanidade, conforme vem demonstrando Nilma Lino Gomes (2006). A educação precisa ser encarada como um processo coletivo em que todos devem crescer juntos. Isso não significa que a construção do processo é simples, sendo necessário uma busca pela compreensão das diferenças para sua superação.

Em uma cidade pequena, como Itacaré, a escola é o principal ponto de convergência das diversidades nela existentes e não lidar com elas é fingir que essa realidade

não existe. Homogeneizar o corpo discente escolar pode até parecer mais fácil no trato pedagógico em um primeiro momento, porém esta postura além de levar a uma falta de ética do educador, compromete politicamente a transformação social. A negação das diferenças étnicas, econômicas, sociais, raciais e religiosas e sua homogeneização em um ente único e ideal na escola tem sido a prática desde sempre na história da educação pública, gratuita e universal brasileira. Amparado em um modelo eurocêntrico de escola e ensino, essa prática homogeneizadora se contrapõe à realidade da maioria dos estudantes, que possui uma ascendência africana, e por isso precisa ser superada.

Uma escola democrática reconhece as diferenças, portanto, para que um currículo faça sentido em cada comunidade escolar, ele não pode estar carregado apenas de conteúdo, principalmente de forma engessada e proposta de cima para baixo. É preciso que o conteúdo tenha significado e que a educação seja para a comunidade, a escola e aos vários públicos que a compõem:

As narrativas contidas no currículo, explícita ou implicitamente, corporificam noções particulares sobre o conhecimento, sobre formas de organização da sociedade, sobre os diferentes grupos sociais. Elas dizem qual o conhecimento é legítimo e qual é ilegítimo, quais formas de conhecer são válidas e quais não o são, o que é certo e o que é errado, o que é moral e o que é imoral, o que é bom e o que é mau, o que é belo e o que é feio, quais vozes são autorizadas e quais não são. As narrativas contidas no currículo trazem embutidas noções sobre quais grupos sociais podem representar a si e aos outros e quais grupos sociais podem apenas ser representados ou até mesmo serem totalmente excluídos de qualquer representação (Silva, 2003 apud Gomes, 2006, p. 35).

Daí a importância de cada unidade escolar poder ter em seu currículo uma radiografia das comunidades que a cercam, fortalecendo as várias perspectivas que

as tornem mais representadas, incluídas e fortalecidas. A escola é um espaço de convivência dos docentes, discentes e dos trabalhadores em educação, é um meio social e cultural, se configura como uma parte inicial na construção das trajetórias e identidades de cada um, sendo preciso levar em consideração todos esses aspectos.

O INTERLOCUÇÕES enquanto projeto de extensão se propõe a respeitar as histórias, os sistemas e as relações de cada comunidade partícipe, desta forma o desenvolvimento da aprendizagem ocorre em um processo de troca de experiências, quebrando estereótipos, refletindo melhor a riqueza das identidades presentes na sociedade. Como afirma Tomaz Tadeu Silva: “É preciso abrir aos alunos as múltiplas possibilidades de leitura de vida, de expressão cultural, formas de ser e de viver, maneiras e jeitos de sermos humanos.” (Silva, 2003 apud Gomes, 2006, p. 34). As atividades organizadas e desenvolvidas no âmbito do INTERLOCUÇÕES têm precisamente como um dos focos ofertar o diferente, os específicos e os outros, que possibilitam essa leitura múltipla da vida, assegurando os diversos jeitos do ser humano.

Pequeno relato sobre algumas comunidades integrantes do Projeto

As comunidades que participam do INTERLOCUÇÕES organizam atividades a partir de um tema gerador definido coletivamente, de acordo com as demandas sociais, em reunião que ocorre no início de cada ano. Estabelece-se um calendário de encontros nas comunidades anfitriãs, para a qual se dirigem todas as demais, em encontros que podem ser de 1 ou 2 dias, encontros que são chamados de Seminários Integradores, pois, para cada encontro, um conjunto de atividades é organizado em cada comunidade e, quando todas juntas, integradas, executam-se as atividades. A quantidade de encontros anuais (seminários integradores), a duração em dias de

cada um e a quantidade de participantes de cada comunidade variam de acordo com a verba que o Projeto consegue levantar na Universidade, anualmente. Houve anos em que ocorreram 5 encontros, de 2 dias de duração cada, e com cerca de 300 participantes em deslocamento para a comunidade anfitriã. Em outros anos, esse número de encontros era menor, por falta de verba.

As vivências e os espaços ocupados ao longo dos 15 anos foram muitos, o que gerou uma gama de experiências transformadoras para todos, por possibilitar vivências variadas, e muitas delas fora do horizonte de expectativas dos participantes. Um dos exemplos ocorre sempre que há atividades no terreiro de candomblé Matamba Tombenci Neto, liderado por Mãe Ilza Mukalê, e representado no Projeto por Glauce Rodrigues.

À frente, por mais de 50 anos, do terreiro, Mãe Ilza conta e representa a história da região sul da Bahia, discutindo, a partir das questões da religiosidade de matriz africana, temas como raça, gênero e classe (Mukalê, 2011). Em seus relatos de vida e sobrevivência como mulher chefe de família e líder religiosa do terreiro, Mãe Ilza Mukalê ensina o que não está nos livros didáticos. Suas palestras são cheias de conhecimento, afeto e conforto. O espaço do terreiro é carregado de significados, tanto como ambiente religioso quanto cultural, funcionando como um museu.

Nos seminários integradores, desenvolve-se uma programação sempre variada, com oficinas, rodas de conversa, palestras e apresentações culturais que geram a quebra de estereótipos e preconceitos. Um dos temas debatidos junto ao terreiro Matamba Tombenci Neto costuma ser a intolerância religiosa, que tem se ampliado muito na sociedade brasileira nas últimas décadas, pelo avanço de um proselitismo evangélico conservador.

Imagem 1 – Seminário Integrador no Terreiro Matamba Tombenci Neto (Ilhéus)



Fonte: elaboração própria.

A imagem 1 retrata um momento com Mãe Ilza ao fundo, sentada em sua cadeira, e, na parte baixa da foto, estão participantes de todas as comunidades do Projeto. Destacam-se alguns indígenas paramentados com suas vestimentas de festividade e celebração.

As comunidades e as escolas indígenas dos Tupinambás, em Olivença, participam do INTERLOCAÇÕES desde o início do projeto, mas as organizações que participaram variaram ao longo dos anos, pois existem várias lideranças e localidades tupinambás na região, de forma que contamos com a participação de grupos tupinambás distintos. A princípio, e por alguns anos, a relação foi mais direta com o Colégio Estadual Indígena Tupinambá, na Sapucaieira, coordenado, à época, pelos professores Erlon Costa e pela professora Cleusa Santos. Já na época contávamos com a participação do professor e líder indígena

Katu, que passou, em 2020, a representar a comunidade Tupinambá no INTERLOCUÇÕES. Na atualidade, as localidades que mais têm participado das atividades é a do Acuípe e do Abaeté.

A comunidade indígena dos Tupinambás tem participado dos Seminários Integradores indo às demais escolas, à universidade e às comunidades de terreiro e de capoeira. Em todos os encontros, se vivenciam palestras ministradas por eles, rituais como o Poranci, jogos indígenas, oficinas e outras atividades culturais. São a história viva e dinâmica dos indígenas no sul da Bahia, que também não se encontra nos livros didáticos.

A imagem 2 apresenta um encontro que ocorreu na escola Tupinambá de Sapucaieira em 2009, onde se vê um Poranci realizado dentro da Escola.

Imagem 2 – Encontro na Escola Tupinambá em Sapucaieira



Fonte: elaboração própria

Dois grupos de capoeira fazem parte do INTERLOCUÇÕES. O primeiro deles é o grupo Filhos de Zumbi, de Itacaré, liderado pelo mestre Peroá, Joedson Vieira. O segundo é o Nação Zumbi, de Olivença, liderado pelo

mestre Zumbi. O grupo de mestre Zumbi é representado no Projeto por Erlon Costa. São grupos que contribuem na formação cultural e no processo de ensino-aprendizagem nas escolas, pois, com eles, é possível aprender a partir de uma didática própria adotada nas oficinas de capoeira e de ritmo. Além da história da capoeira e da música, as oficinas estimulam os jovens a praticarem uma atividade física de raízes culturais africanas, assim como a ouvirem ritmos e sons, tocar instrumentos musicais também de origem africanas e que, muitas vezes, são demonizados pela sociedade. A convivência com aqueles que praticam a capoeira, o toque do tambor e do atabaque, e que possuem orgulho de suas origens africanas, o que ocorre em um ambiente controlado e seguro, garantido por um projeto institucional, tem permitido que muitos jovens ampliem seus horizontes e rompam com os preconceitos e estigmas sociais aos quais estão imersos.

Outra comunidade no Projeto, desde 2011, é a cidade de Pau Brasil, atuante no Projeto tanto através da Companhia de Teatro Negro Mário Gusmão, quanto do Centro Educacional Maria Santana, uma escola municipal, ambos representados por Josivaldo Félix Câmara. Especialmente, a entrada do grupo de teatro no INTERLOCAÇÕES enriqueceu sobremaneira as atividades no campo da produção cultural, com ênfase da cena teatral. A didática utilizada pelo grupo nas oficinas, a pesquisa que desenvolvem e o uso dos textos propostos, têm sido muito ricos e uma voz altiva contra a intolerância religiosa. As atividades do teatro apresentam uma perspectiva interseccional, contribuindo com conhecimento sobre as questões de raça, classe, gênero, sexualidade e com lutas travada entre o mundo rural e urbano.

É importante frisar que a região de Pau Brasil é predominantemente indígena, com grande ocupação do povo Pataxó. O processo da luta pela terra é intenso e impacta todos os moradores. Foi através do município de Pau Brasil que o INTERLOCAÇÕES passou a trabalhar junto a mais uma comunidade indígena, os Pataxós Hã-Hã-Hãe.

Imagem 3 – Teatro Negro Mário Gusmão



Fonte: elaboração própria

Na imagem 3, vemos uma apresentação de uma peça do Teatro Negro Mário Gusmão, apresentada na Praça São Miguel, em Itacaré, no ano de 2018.

Das comunidades escolares, o Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães, de Canavieiras, integra o INTERLOCUÇÕES desde 2013, quando passou a trazer novas demandas de mais uma escola de educação básica e 4 a realidade de outro município do sul baiano. Uma bela cidade litorânea, com muita riqueza cultural e histórica, Canavieiras participa do Projeto tendo à frente do Colégio os professores Ronaldo Lima e Noberto Caires. Além de diversas oficinas e palestras de temas variados, o Colégio participou diversas vezes dos Seminários Integradores com a força da percussão do grupo Ouro Negro, formado pelos discentes da escola e que fora coordenado pelo professor Ronaldo.

Quando os encontros ocorrem em Canavieiras, o ponto alto é a Caminhada da Consciência Negra pela cidade, quebrando barreiras no município por fazer a junção da escola com a comunidade local, em um ato que valoriza o som e as histórias afrodescendentes.

Na imagem 4, encontramos um momento da caminhada em Canavieiras no ano de 2014.

Imagem 4 – Seminário Integrador Interloções em Canavieiras



Fonte: elaboração própria

A UESC é, também, uma comunidade partícipe do INTERLOCUÇÕES e, na imagem 5, vemos um momento ímpar do Seminário Integrador ocorrido em suas dependências. Nela, se percebe a execução do Poranci, um ritual de agradecimento dos povos Tupinambás, que é realizado por todos os que desejam participar de seu momento.

Imagem 5 – Seminário Integrador Interloções (UESC)



Fonte: elaboração própria

O Colégio Estadual Aurelino Leal, de Itacaré, participa do INTERLOCUÇÕES desde 2009. Quando, no início deste artigo, afirmamos que este é um projeto que nasce antes de ser escrito, é precisamente porque, antes mesmo dele ser apresentado e efetivado na UESC, já existiam parcerias entre o CEAL e de alguns movimentos sociais do município, que desenvolviam atividades com os professores do curso de História da UESC e que passaram a demandar ações mais regulares e inovadoras. Foram essas demandas e parcerias que estimularam a elaboração do Projeto:

Assim, partindo-se deste princípio, elegeu-se no município de Itacaré, o Colégio Estadual Aurelino Leal, pois ele já desenvolve algumas atividades conjuntas com a Associação Casa do Boneco de Itacaré. Inclusive, possuindo no seu corpo discente inúmeros integrantes da referida associação. Ademais, esta escola já sediou algumas oficinas, desenvolvidas por discentes da UESC, como parte integrante do crédito prático da disciplina FCH 252 – Estudos Afro-brasileiros, durante o segundo semestre de 2007. A escola possui, ainda, entre seus docentes ex-alunos dos cursos de graduação e alunos de cursos pós-graduação da UESC. Assim, em função dessa conjunção de fatores, entendeu-se ser esta Instituição de Ensino o espaço adequado, senão ideal, para o desenvolvimento das atividades vinculadas a este projeto de extensão. (Santos, 2009, p.15)

Havia uma aproximação de ideias entre alguns profissionais do colégio, da universidade e de alguns movimentos sociais de Itacaré, no que se referia aos debates das temáticas propostas pelo Projeto e, também, um alinhamento de ações. A possibilidade de ter um projeto pensado e escrito para contemplar as demandas dessas comunidades foi de grande relevância. E, desde o momento em que as ações se formalizaram, a participação da escola se tornou efetiva e contínua no decorrer de todos os anos.

O primeiro encontro do INTERLOCUÇÕES ocorreu na UESC, em 2009, tendo sido um momento marcante, pois estar nas dependências de uma universidade com as

comunidades afro, indígenas e de escolas de educação básica, cada uma com seus sujeitos, seus corpos negros e indígenas, suas fraquezas e forças, suas demandas e ofertas, foi uma “virada de chave” para todos. Daí em diante, a aproximação entre os participantes do Projeto se intensificou e as ideias e conhecimentos passaram a circular nos diversos ambientes que serviram de encontros para os Seminários Integradores. E, para além do processo de pesquisa e ensino-aprendizagem, os laços de afetividade também se fortaleceram.

O segundo encontro do projeto aconteceu na Escola Estadual Indígena da Sapucaieira, em Olivença/Ilhéus-Ba, com professores e funcionários da escola e das comunidades sociais, sem a participação de alunos (ver imagem 02). Foi um momento de forte impacto para as pessoas que participaram da atividade, porque, apesar das cidades de Ilhéus e Itacaré serem próximas (distam 65 km uma da outra), havia uma distância das comunidades indígenas e um apagamento em relação aos Tupinambás e outros povos originários na região. A riqueza do encontro se deu tanto no impacto visual da escola, projetada de forma circular, e pela presença da população indígena ocupando os espaços, quanto pelas atividades desenvolvidas. Foram muitas oficinas, palestras, atividades culturais e rituais. A realização de uma vivência empírica provocou, já nesse primeiro momento, uma mudança no olhar dos professores e funcionários do CEAL que estiveram presentes e que participaram daquela proposta de integração.

O terceiro encontro ocorreu no Colégio Estadual Aurelino Leal, em Itacaré, também em 2009. Foi a primeira vez que a escola sediou as atividades, e todas as comunidades envolvidas no projeto naquela época participaram: a Casa do Boneco (Itacaré), o grupo de capoeira Filhos de Zumbi (Itacaré), o Terreiro Matamba Tombenci Neto (Ilhéus), a Escola e comunidade Tupinambá de Olivença (Ilhéus) e a Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus). A partir desse encontro o corpo discente da escola passou a integrar e vivenciar o INTERLOCUÇÕES, porque, até

então, a formação estava sendo dada aos professores e funcionários da escola.

A imagem 06 foi tirada em um Seminário Integrador ocorrido em Itacaré, no ano de 2015. Nela, se vê tupinambás paramentados, estudantes do CEAL e o prédio do colégio ao fundo.

Imagem 6 - Seminário Integrador Interloquções Itacaré



Fonte: elaboração própria

O CEAL sediou, ao todo, 13 Seminários Integradores do INTERLOCUÇÕES entre os anos de 2009 e 2025. No ano de 2020, o Projeto suspendeu as atividades presenciais por conta da pandemia da Covid-19, que se abateu sobre o mundo. Contudo, algumas atividades foram realizadas dentro das possibilidades existentes. Realizou-se um evento *on-line*, que foi chamado de Primavera do Interloquções, ocorrido em setembro de 2020.

Os encontros que ocorreram em Itacaré foram sempre de dois dias, com uma rica programação que incluía, oficinas, mesas redondas, jogos indígenas e atividades culturais e, principalmente, espaços para as vivências entre as pessoas das comunidades. As comunidades dormiam nas dependências do colégio, no que se conhece como acantonamento.

Imagem 7 - Seminário Integrador em Itacaré 2018



Fonte: elaboração própria

Na imagem 7, se vê uma atividade que ocorreu na nas areias da “Coroinha”, a orla de Itacaré, no ano de 2018, organizada pelos Tupinambás de Olivença, que levaram algumas modalidades dos jogos indígenas para que todos os participantes que tivessem interesse conhecessem essas práticas e, também, que pudessem aprendê-la.

Impactos e resultados do projeto Interloquções no CEAL

O Projeto Interloquções tem propiciado possibilidades de melhoria da prática pedagógica, ampliando a discussão sobre diversos temas, especialmente sobre a temática da diversidade étnico-racial na comunidade escolar, envolvendo professores, estudantes e funcionários nesses debates. Desde início, estabeleceu-se um

compromisso de trabalho que se mantém de forma sólida e que tem como uma das metas a melhoria do ensino ofertado no colégio. Uma das formas de demonstrar compromisso de trabalho acima afirmado é a análise dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) do CEAL que se alteraram substancialmente desde a entrada da escola no INTERLOCUÇÕES.

Após o ano de 2009, quando ocorreram as primeiras atividades do Projeto, em todas as reformulações dos Projetos Políticos Pedagógicos do CEAL, o INTERLOCUÇÕES foi discutido e inserido entre as ações pedagógicas da escola. O INTERLOCUÇÕES se tornou permanente no Colégio Estadual Aurelino Leal, discutido e relampejado em todas as jornadas pedagógicas da escola desde o ano 2010.

Para garantir um aprendizado eficaz, o CEAL desenvolve juntamente com toda equipe, os Projetos propostos pelo Governo do Estado como o AVE, TAL, FACE, PROVE, EPA, DANCE, JERP e os Projetos da própria Escola em parceria com algumas Entidades. A exemplo temos parceria com a UESC na execução do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) pelo curso de História junto a estudantes e professores do Ensino Médio, temos ainda com apoio da UESC o Projeto Interloquções que trata da questão da diversidade; citamos mais o FEAMBI que em parceria com o CEAL trabalha com a questão da Educação Ambiental; Gincana Cultural, que é um Projeto que acontece na Escola; Projeto de Linguagens; Projeto de Humanas em parceria com a UESC. (PPP, 2015, p.12)

Para o CEAL, enquanto uma escola de educação básica, ter a possibilidade de compor um projeto de extensão universitária, é algo que tem contribuído para seu desenvolvimento, pois as políticas públicas organizadas entre as diversas modalidades de ensino fortalecem a educação. O alinhamento entre a extensão universitária e a formulação dos documentos que orientam a escola, como o projeto político pedagógico, se torna algo real

e da prática, ou seja, vai além da teoria. A vivência demonstra as trocas, contribuições e as possibilidades de transformação.

É importante observar que ter um processo pedagógico voltado para ações diversas é um dos pontos centrais do plano educacional do CEAL. Um projeto como o INTERLOCUÇÕES impacta positivamente na escola tanto pelo seu conteúdo, pois aborda temas diretamente ligadas às Leis n.º 10.639/03 e n.º 11.645/08, quanto pelo formato de circulação democrática e horizontal do conhecimento, e, ainda pela perspectiva da extensão universitária, fortalecendo as relações entre escola, comunidade e universidade, ampliando o horizonte de todos os envolvidos.

Um aspecto a ser destacado como impacto do Projeto é sobre uma mudança na postura e no olhar das pessoas, que passaram a perceber e a combater o etnocentrismo. Olhar para mais distante e enxergar melhor o outro e a si mesmo tem se revelado uma realidade importante para a tomada de consciência de que é possível construir um mundo diferente. A presença da universidade na escola, que ocorre com os Seminários Integradores, por exemplo, amplia as perspectivas dos jovens de Itacaré. Com isso, o desejo de cursar e fazer parte do universo acadêmico está se tornando cada vez mais cotidiano, e o número de estudantes que tem ingressado na universidade tem crescido nos últimos anos.

A imagem 8 retrata um momento do Seminário Integrador do INTERLOCUÇÕES na UESC, ocorrido no auditório Paulo Souto, em 2013, onde se veem ao fundo, compondo a mesa, os representantes de cada comunidade do Projeto.

Imagem 8 – do Seminário Integrador do INTERLOCUÇÕES



Fonte: Elaboração própria

Ocupar os espaços da universidade, como se percebe na imagem acima, tem contribuído para que os discentes percebam que é possível o acesso ao ensino superior e para que busquem sonhar e desenvolver estratégias para ocupar a universidade. Se as ações afirmativas, em um cenário nacional foram longas disputas e difíceis conquistas, em um âmbito local, essas vitórias precisam ser trabalhadas em um campo prático. É preciso fazer as pessoas se sentirem incluídas e com reais possibilidades de estarem onde sonham, mas, para isso, é preciso se conhecer, conhecer o outro, saber da história e se apropriar das questões étnico-raciais, de gênero e de classe, superando preconceitos e se fortalecendo no processo.

Um último ponto a ser destacado é o que se refere às conquistas e mudanças nas legislações em âmbito local e na estrutura curricular do CEAL, que tem passado por mudanças consideráveis nos últimos anos devido a implementação da Lei n.º 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Essa lei é conhecida como reforma do ensino médio, e que tornou a

organização curricular mais flexível, possibilitando a oferta de disciplinas eletivas para os estudantes. O CEAL foi uma das escolas piloto do Estado da Bahia e começou a implementação do novo currículo do Ensino Médio em 2020. A escola começou a se organizar em 2019 para esse novo currículo, propondo aos professores que estruturassem disciplinas eletivas para as turmas do primeiro ano. A maioria dos docentes atendeu ao chamado e organizou as ementas das disciplinas propostas dentro das suas áreas de conhecimento. Foram elaboradas 11 disciplinas e, dentre elas, a disciplina “Interloquções: Memória, Identidade e Patrimônio”, idealizada pelas professoras da escola Valdinéia de Jesus Sacramento, Aline Areia Almeida Mimoso e Elisa Tandeta.

O tema gerador da disciplina Interloquções é o Atlântico Negro e as suas Diásporas. Para oferecer quatro disciplinas eletivas já no ano de 2020 para os estudantes da primeira série do ensino médio, e após a apresentação das disciplinas pela gestão escolar, em conjunto com o colegiado escolar (organização de grande representação da escola por contemplar todos os seguimentos da comunidade escolar), a disciplina “Interloquções: Memória, Identidade e Patrimônio” ficou entre as quatro escolhidas para serem ministradas aos estudantes.

Pode-se dizer que a criação de uma disciplina no CEAL chamada “Interloquções” é um desdobramento das experiências do Projeto INTERLOCUÇÕES ao longo desses 15 anos e a prova de que o currículo pode mudar, porque ele deve ser flexível o bastante para conter toda a diversidade que temos e que somos. Esse parece ser um exemplo de uma escola real, viva e pulsante, e já bem mais bem preparada para dialogar com todos e oportunizar a todos uma formação democrática.

Por fim, destaca-se que o Interloquções, desde 2009, tem sido de grande relevância para as comunidades que compõem o projeto, integrando escolas da educação básica, extensão universitária e movimentos sociais, aproximando os conhecimentos acadêmicos e empíricos em

uma perspectiva de valorização e inclusão dos saberes e na construção de um conhecimento que valoriza e transforma pessoas.

Referências

- Collins, P. H., & Bilge, S. (2022). Interseccionalidade para além da academia: a práxis crítica dos movimentos de mulheres. *Revista Antropolítica*, 54(3), 559-565.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e Terra.
- Gilroy, P. (2001). *O Atlântico Negro*. Editora 34.
- Gomes, N. L. (2006). Diversidade cultural, currículo e questão racial: desafios para a prática pedagógica. In A. Abramowicz, L. M. A. Barbosa, & V. R. Silvério (Orgs.), *Educação como prática da diferença*. Editora Armazém do Ipê.
- IBGE. (2022). *Bahia população negra*. <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=bahia+popula%C3%A7%C3%A3o+negra>
- Lei Municipal nº 392, de 25 de novembro de 2021. (2021). *Estabelece o Estatuto Municipal da Promoção e Igualdade Racial*. Itacaré, Bahia.
- Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. (2003). *Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"*.
- Lei nº 11.645, de 2008. (2008). *Lei das diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena"*.
- Lorde, A. (2020). *Irmã Outsider*. Editora Autêntica.

Mukalê, H. (2011). *Do lado do tempo: o Terreiro de Matamba Tombenci Neto. Histórias contadas a Marcio Goldman*. Editora 7Letras.

Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Aurelino Leal. (2015). *Estabelece o plano político e pedagógico para o CEAL*. Itacaré, Bahia.

Santos, F., Pontes, K., Marcis, T., & Almeida, I. (2009). *Interlocação entre comunidades indígenas e afro-brasileiras, a produção acadêmica da UESC e as Escolas de ensino Médio e Fundamental*. Ilhéus: Projeto de Extensão – Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Santa Cruz.

Silva, T. T. (2003). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Editora Autêntica.